



Homenagem ao ancestral

Mariana Reginato*

A artista JuMu, de origem peruano-chilena e nascida na Alemanha, busca conectar o ancestral com o contemporâneo em sua arte. Segundo ela, por meio do muralismo, busca criar espaços em que a natureza, a identidade e a memória se entrelaçam, criando uma reflexão coletiva. A artista já realizou murais por todo mundo e os mais significativos foram em Berlim, Calgary, Paris, Albânia e Katmandu.

Para o projeto na capital, JuMu se inspirou em figuras mitológicas do imaginário brasileiro conectadas com a floresta e energias protetoras do ambiente. “O mural busca entrelaçar a arquitetura moderna do espaço com as raízes espirituais do Brasil, criando uma ponte entre o passado ancestral e o presente. É uma oferta visual para honrar os guardiões invisíveis da natureza e lembrar que proteger

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Mural de JuMu em Calgary, no Canadá



a Amazônia é proteger a própria vida”, destaca a artista.

Para isso, JuMu trabalhou quatro criaturas no mural. “Entre elas está a onça, animal de poder e sabedoria em muitas culturas indígenas da Amazônia. É um ser xamânico, que enxerga na escuridão e guarda o equilíbrio da floresta”, conta. Ao lado da onça, a artista retrata o uirapuru, pequeno pássaro que, segundo lendas, possui um canto mágico. “É símbolo de transformação, harmonia e beleza espiritual. Também está o boitatá, uma serpente de fogo que protege a floresta daqueles que a prejudicam. É a força viva da terra defendendo o sagrado”, destaca.



Mural realizado por JuMu na Albânia

Por último, JuMu escolheu o jacaré, mas não como um lado ruim. “O jacaré como guardião do profundo: os saberes esquecidos, os

medos coletivos, aquilo que precisa ser curado para que a vida possa renascer. Esses seres não habitam apenas o folclore, mas são guardiões

invisíveis da Amazônia, nossos pulmões do mundo”, comenta. A artista deseja prestar uma homenagem à floresta, à sabedoria ancestral e lembrar a necessidade de proteção do espaço.

JuMu encontra no espaço público uma possibilidade de cura coletiva e transformação social. “A arte de rua tem uma força especial: é livre, acessível e profundamente conectada com a vida cotidiana. É uma arte para todos os públicos, especialmente para quem não tem tempo ou recursos para ir a museus ou galerias. Está exposta aos elementos, à passagem do tempo e ao encontro espontâneo com as pessoas. É uma arte viva”, finaliza a artista.